

# MONARQUA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

ANO VII

SE-LE 0°N

São Paulo, Maio-Agosto de 1961 — Caixa Postal, 1304  
Director — A. VEIGA DOS SANTOS Red.-Secretário — José de OLIVEIRA PINHO Red.-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

## Por uma política autêntica

Costumam os ignorantes de surdo e um contrassenso. Pois todos os matizes, espicaçados pelos homens de má fé, dizer que qualquer regime serve qualquer forma de governo é boa, desde que os indivíduos tenham moral e capacidade.

Esta tese é falsa. Todavia um mínimo de moral e capacidade técnica não mesmo necessários em qualquer regime. Aquele sociedade em que as pessoas fossem completamente incapazes e imorais seria um autêntico inferno na terra. Mas a Política é uma ciência verdadeira, com suas leis e exigências próprias, que não se confunde com a ciência da moral. Isso não quer dizer que os políticos não precisem ter moral que devam ser frios e maquiavélicos, vivam com a consciência anestesiada e o coração petrificado. Absolutamente não; mil vezes não! Para que a lei divina e o Evangelho de Cristo?

A experiência histórica revela que as formas anti-sociais e anti-nacionais de governo tendem a enfraquecer e destruir o nível moral dos povos e mesmo relaxar a formação profissional e técnica dos indivíduos. Exemplo: a França atual, o Brasil atual, etc. O mau regime corrompe os homens porque suas instituições não prestam. Foram feitas para não funcionarem. Enfraquecem a Nação e contrariam os interesses da Sociedade, matando ou sufocando os grupos sociais variegados que constituem organismos naturais da vida social.

Por outro lado os regimes conformes ao espírito e natureza das Nações e das Sociedades favorecem a moral nos povos e estimulam a responsabilidade nos indivíduos, levando-os a serem capazes e competentes. Exemplo: o Canadá atual, a Dinamarca atual, etc. O bom regime é orgânico, isto é, conjunto sistemático de instituições governativas históricas naturais que regem a Nação sob todos os aspectos. Promovem essas instituições sadias a grandeza nacional e o bem estar social, graças à ordem hierárquica funcional das mesmas.

Toda e qualquer Nação deve ter e realmente tem seu regime próprio que é histórico-natural. O contrário seria ab-

solutamente na fidelidade a esse regime natural, transmitido pela história e incorporado pelas gerações, é que a Nação pode encontrar-se a si mesma e atingir a plenitude. De outra forma não é possível, seria negar-se a si mesma. E isto fazem todas as nações que abandonam o regime da sua formação histórico-natural, trocando-o por algum sistema estrangeiro copiado alheios, ou por alguma forma de governo teórica e abstrata, boa talvez para os habitantes da lua...

A política real é necessariamente orgânica e concreta. Abstração em matéria política é como encher o tanque de gasolina do automóvel da coca-cola. O carro não vai adiante e o país também. Mas que outra coisa têm feito as nações modernas de um século e meio a esta data, senão encherem o tanque do Estado com idéias e lubrificarem suas engrenagens com discursos? O pior é que o Estado mesmo se assemelha cada vez mais a uma carroça com rodas quadradas...

A política orgânica é produto das exigências funcionais do corpo social da Nação, verdadeiro organismo vivente a seu modo, cujos órgãos necessitam de regime adequado para desempenharem a finalidade vital que lhes compete. Em qualquer organismo os órgãos se diferenciam porque suas funções são diversas; se ordenam em harmonia com o órgão central que dirige a atividade de todos para conseguirem o objetivo do organismo. Essas condições supõem no organismo, qualquer que ele seja, uma hierarquia natural. Existe sempre um elemento diretor que governa o conjunto. Assim, no corpo humano, esse elemento é a cabeça, onde fica a sede do sistema nervoso; uma empresa comercial ou industrial é o administrador da mesma; num exército é o comandante-chefe e assim por diante.

E a Nação? As nações tem igualmente seus chefes naturais. Todavia, dirão alguns que o povo é soberano e se governa a si mesmo por seus representantes diretos ou indiretos. Isto pode ser verdade mas não vale como

argumento. Claro está que as classes devem ser representadas junto aos governos, em defesa dos seus legítimos interesses. A representação deve ser real e poderosa, no intuito de garantir os grupos que integram a sociedade. Quanto ao governo pertence ele ao chefe natural que "possui precedente histórico e de autoridade sobre os demais órgãos do Estado", ou no qual pertence o principado, isto é, "a representação da soberania nacional e, daí, ser considerado o soberano" como explicou certo tratadista. Este mesmo escritor diz: "Todo governo é unipessoal. Isto é, sempre há um homem que é o chefe de Estado. As exceções são tão poucas que afinal confirmam a regra — o puro colégio é quase impensável. Há sempre um chefe, uma cabeça". Por que? A razão disto é que o povo não

pode governar-se a si mesmo, como o corpo humano não vive sem a cabeça, a empresa não se dirige por auto-dinamismo, nem o exército se comanda por impulso coletivo. O Chefe é natural em qualquer organismo e daí sua necessidade.

Por outro lado o chefe precisa ser revestido de tradição histórica, de modo a ficar identificado com a Nação que governa, em se tratando de chefes nacionais, para evitar que o governo caia em mãos de aventureiros e assegurar-lhes as necessárias estabilidade, continuidade, autoridade e aliança permanente com o povo. O poder deve ser conservado na família do chefe através dos seus descendentes legítimos. Estes são os princípios gerais de uma política verdadeira.

MIGUEL STEFNO NETO

## PELO MUNDO

— De Portugal chegam-nos animadoras notícias das actividades da CAUSA MONARQUICA, organismo que mantém o fogo das instituições tradicionais comuns àquele país irmão e ao nosso. Começou a sua secretaria a publicar, a partir de 1.º de dezembro passado, as suas interessantes circulares informativas que, esperamos, muito contribuirão para o entusiasmo e movimentação de tantos correligionários dispersos. Viva Portugal!

— Continuam a aparecer publicações como a veterana revista "Gil Vicente", de Guimarães, dirigida pelos distintos intelectuais e nossos velhos amigos, srs. D. José Ferrão e Manuel Alves de Oliveira.

— TRADICIÓN, a magnífica revista política mensal dos nossos irmãos carlistas (Há pouco prestou comovente homenagem ao nosso director) continua impávida a defender os valores eternos da vida espanhola, sem os quais deixa a Espanha de ser ela mesma. Arriba España!

— Em Tala, provincia de Salta, Argentina, com entusiasmo sempre renovado, o Rvmo. P. Hervé Le Lay pugna o bom combate, com a sua preciosa "Tradición", já nossa conhecida.

— Na Universidade de Cantabrigia (Cambridge), batinha entusiasticamente na linha da renovação, digamos, "patrianovista" da velha e gloriosa Monarquia Inglesa, o nosso já amigo Sr. Timotheus Robertson, líder admirável.

— Ainda de Madrid escreve-nos o sr. Don Julián Torresano, do Secretariado Espanhol da "Royalist International" cujo lema é God, Country, King — Deus-Pátria-Rei. Nossos agradecimentos e nossa adesão total a tão útil trabalho em alto estilo. Enviou-nos também o estudo "La psicología de la Raza Hispánica en la colonización", a que ainda voltaremos.

## DOCTRINA PATRIANOVISTA

Acima do não-estado, anarquia (an-archia) que tem (usando a imprópria linguagem liberal) a sua extrema esquerda na desordem anárquica da cessação ou privação da autoridade e a sua extrema direita na desordem demoliberal — renúncia à autoridade própria; entre o não-estado, repetimos, e o estado totalitário (pan-estado, estado hipertrofico, estatismo, absolutismo despótico, tirânico, rocializante), situa-se a MONARQUIA (mon'-archia) Social, Orgânica, que concilia a autoridade e a liberdade, respeitando a Nação real na pessoa, na Família, nos grupos naturais e na sua alma — a Religião.

Na História que é a política em movimento, dinâmica, as Nações são felizes ou infelizes na medida em que se aproximam ou se afastam do ideal da Monarquia aí considerada. Frisaremos, entretanto, o carácter orgânico desse regimen ideal na realidade, com evitar o termo Monocracia, que não supõe hereditariedade nem organicidade mas apenas "comando", como o dos ditadores, presidentes ou ditos reis electivos.

Em última análise, portanto, oscila a História entre a anarquia (anacracia) no sentido de a-governo, desgoverno ou não-governo, e a Monarquia no sentido de governo conforme ao real, logo uno e hereditário no Chefe (Monarca e não monocrata), múltiplo e orgânico na Nação, constituída de famílias e grupos naturais, orgânica por conseguinte.

## TÉCNICA E SABEDORIA

Certos modernos, especialmente os políticos, desprezam os antigos como "ignorantes" de muita coisa nova ou que crêm nova. Julgam saber mais do que os antigos, sômente porque hoje existe mais técnica. Na verdade, descobriram ou redescobriram os modernos muita coisa boa e útil à vida material particularmente. Decairam, porém, moral e politicamente e, o que é lastimabilíssimo, perderam a cultura e a SABEDORIA DA VIDA que a ciência e a técnica não podem dar.

## A DITADURA É LÓGICA

É a ditadura o desfêcho lógico dos avacalhamentos fatais do regimen republicano e da sua congênita incapacidade de dirigir decentemente a Nação. A demagogia republicana força a ditadura — demagogia mais concentrada e que cansa logo por ser libertidida, dando lugar à revolta que renova a demagogia da república "constitucional" ou ditadura dos partidos. É a eterna gangorra!

Fora da Tradição Monárquica, isto não tem consêrto. Quando haverá coragem nos brasileiros de responsabilidade para acabar com essa farsa imposta a eles em 89?

## SÓ DA CERTO QUANDO ESTÁ ERRADO

A democracia republicana é um regime que só dá certo quando se aplica errado, quando os seus princípios não são obedecidos pelos democráticos republicanos. Se estes atendem ao que ela prega, dá tudo em droga. Só se governa bem numa democracia agindo anti-democráticamente, com grande desespero dos teóricos. "Bella robra"!

## CLASSES E PARTIDOS

Se, como diz Pio XII, "a luta de classes nunca pode ser um fim social", a luta dos partidos nunca pode ser um fim nacional.

## BREVEMENTE:

**Idéias que Marcham no Silêncio  
e Totalitários e Democráticos  
na Redenção do Brasil**

Obras de

**Arlindo VEIGA DOS SANTOS**

VELHAS RELAÇÕES  
BRASILEO-PORTUGUEZAS

Saudação a S. M. Dom Carlos de Bragança, Rei de Portugal, pelo Ministro Plenipotenciário de Brasil, Salvador de Mendonça, em julho de 1898

Senhor.

Tenho a honra de entregar nas mãos de Vossa Magestade Fidelíssima a carta pela qual o Sr. Presidente dos Estados Unidos do Brasil me acredita como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário junto do Governo de Vossa Magestade Fidelíssima.

No desempenho de tão honrosa missão porei todo o meu esforço em cimentar mais profundamente as relações de amizade e de mútuo respeito, que tão felizmente existem entre as duas nações. Se merecer a confiança de Vossa Magestade Fidelíssima e o concurso de vosso Governo, minha tarefa será fácil, pois o Brasil e Portugal estão intimamente ligados pelos laços de raça, lingua e carácter.

As glórias do nome português são herança comum dos dois povos, e o Brasil, tanto como Portugal, ufana-se dos feitos e da memória dos homens que no começo da idade moderna andaram abrindo os mares e os continentes à civilização e deixaram nas margens do Atlântico e do Pacífico, na África, na Ásia e na América, os padrões das quinas, monumentos imperecíveis da prioridade dos títulos da nossa raça à expansão do campo de acção da humanidade inteira. Os homens de Ceuta e de Tânger, de Goa e dos Guararapes foram vossos e nossos antepassados. O maior prosador da nossa lingua e o mais agudo engenheiro português, o exímio Vieira, bebeu nas terras virgens do Brasil essa eloquência de dizer, que o sagrou mestre dos mestres. Alexandre de Gusmão, vosso notável diplomata, nasceu no Brasil, e sangue brasileiro corria nas veias do grande ministro de El-Rei D. José I, do qual com razão se disse estar um século adiante do seu tempo. No poema imortal, o cantor das glórias lusitanas ergueu tão alto o fanal do patriotismo da sua gente, que onde quer que se fale a lingua de Camões, de Macau ao Alto Amazonas, em todos os feitos se acende o amor da Pátria, móvel das mais nobres acções humanas. Essa escola cívica, templa, nós e vós, na obra do gênio que através dos tempos, vai iluminando com a luz divina, o caminho às duas nações irmãs. Da raça e da lingua nasceram as afinidades de carácter que repousa sobre os mesmos fundamentos: o amor à Liberdade e à Ordem e o culto do Trabalho e da Paz, inspirados pelos elevados sentimentos cristãos da tolerância e da caridade, e mantidos pelo ânimo conservador e perseverante que constitui a maior força das nacionalidades que perduram e a feição distintiva da nossa raça, destinada à hegemonia dos povos latinos. Quando, ao cabo do século que vai começar, a lingua portuguesa fór falada por mais de cem milhões de homens, sereis tão contentes do poder de vossos descendentes como hoje o somos da glória de nossos maiores.

Fundamente penetrado desses sentimentos, em nome do Sr. Presidente da República, e em meu próprio nome, faço os votos mais sinceros pela felicidade de Vossa Magestade Fidelíssima e pela prosperidade da Nação Portuguesa.

— Carlos Süsskind de Mendonça, "Salvador de Mendonça democrata do Império e da República", Instituto Nacional do Livro, Rio-de-Janeiro, 1960, pp. 199-201.

Es

Não h  
er. Silve  
de Port  
Filosofia  
ensino d  
hoje mi  
la, como  
em séri  
es not  
a no  
masiaco  
de agos  
mediam  
teste a  
cusada  
linguas  
é a de  
posição  
debatere  
tempori  
rem, o  
de tor  
constâ  
na ext  
feito  
cheias  
-boogie  
hábitos  
lhes n  
ção o  
guages  
Silveir  
entre  
e nos  
to pod  
maia,  
se col  
guns  
E el  
que it  
não é  
ê, si  
guê a  
-se at  
da qu  
terna  
inglês  
-Esta  
glôsa  
telige  
qu e  
vez il  
acus  
com t  
não é  
não t  
este  
de es  
so te  
E  
senta  
exp  
contr  
premi  
ção  
bre a  
prog  
Das  
rias  
ra  
lemot  
— é  
de  
nam  
derra  
nas  
ma.  
sage  
do  
perla  
Bras  
póde  
a pi  
M.  
dizer  
gal

# Estão caluniando a língua portuguesa

Não há muitos dias notava o sr. Silveira Bueno, Catedrático de Português da Faculdade de Filosofia, o descrédito a que o ensino de idiomas estrangeiros, hoje ministrado em larga escala, como a produção industrial em série em que são mestres os norte-americanos, tem levado a nossa língua no espírito demandando plástico da juventude de agora. Não há ninguém de mediana inteligência que conteste a vantagem e mesmo a necessidade do aprendizado de línguas, sobretudo o inglês, que é a do povo que se encontra na posição de guia do mundo debater aqui, o ensino do inglês, temporâneo. Infelizmente, porém, o certo é que, em virtude de todo um conjunto de circunstâncias que não vêm a pélo na extensão em que está sendo feita a rapazadas e mocinhas chicãs de Hollywood e "woogie-boogie", desnacionalizados nos hábitos e nos gostos, acarretados na mentalidade em formação o desprestígio da nossa linguagem. A tendência, que o sr. Silveira Bueno tem observado entre os jovens, de menosprezar o nosso velho idioma, é um fruto podre a figurar entre os demais, belos e suculentos, que se colhem com o ensino de línguas estrangeiras.

É claro que o meio de evitar que isso continue a acontecer, não é proibir o ensino de inglês. É, sim, ensinar melhor o português e a nossa literatura. Pode-se afirmar sem sombra de dúvida que se o ensino da língua materna for tão eficiente como o de inglês da União Cultural Brasil-Estados Unidos e da Cutura Inglesa os rapazes e as moças inteligentes virão a compreender que ela, ao contrário do que talvez lhes tenham feito supor os seus primeiros deslumbramentos com o idioma dos anglo-saxões, não sendo menos capaz do que este de servir de instrumento de expressão ao homem do nosso tempo.

É claro ainda que os representantes das gerações mais experimentadas devem evitar contribuir, com jeremiadas preches de exagero para a criação de idéias extravagantes sobre a presente incapacidade de progresso de nossa gente. Das nossas afirmações diárias "o Brasil está à beira dum abismo" "nada valemos", "tudo está perdido" — é que decorrem os complexos de inferioridade que envenenam o coração juvenil, onde derramam o ácido da descrença nas próprias qualidades do idioma. Felizmente, diga-se de passagem, já devemos ter adquirido equilíbrio estável naquela perigosa posição — desde que o Brasil é Brasil gemem as carpidiras indígenas que estamos a pique de rolar para o fundo...

Mas, não só não paramos de dizer do Brasil, como do Português diziam os personagens de

Eça, que isto é uma choldra, como ainda concorremos com a nossa pedrinha para que se estabeleça solidamente a crecha numa irremediável inferioridade do nosso idioma, prova irrecusável da nossa inferioridade ao resto. Há dias, por exemplo, era a srta. Lúcia Miguel Pereira que ingenuamente escrevia não haver, no português, equivalente do vocábulo inglês

"gossip", que não é sendo o exercício, o falatório, o diz-que-diz conhecido do sexo fraco, da quem e dá-lém mar. Há dias, também, era o sr. Valdo Coaracy que, depois de entoar luas à prodigiosa riqueza vocabular do inglês, deitava da possibilidade de se traduzir o verbo "to browse" cujo sentido em português de se pôde definir num parágrafo inteiro. Ora, pergun-

do me parece, "to browse" pode ser morder, debicar ou abocanhar.

Pior ainda é o abuso de termos ingleses, usados por ignorância ou com o propósito de se estabelecerem conhecimentos linguísticos, em livros e jornais, mesmo quando há equivalentes perfectos em português. Pior, também, a invasão de vocábulos ingleses mal traduzidos, pelos quais se esquecem os legítimos correspondentes portugueses. É "slogan" em lugar de lema; "térmo" em vez de condição; "Shangai", como se existisse em português o grupo consonante sh; "knot" em lugar de nó (medida de comprimento), etc. etc.

E assim que se está desmoralizando o vernáculo perante a juventude extasiada com a exuberância, a precisão do inglês. É desse modo que se vai criando no seu seio, a lenda da imprestabilidade, da inadequação da língua portuguesa. Somos nós, ignorantes ou indiferentes, cépticos ou maledicentes, que a caluniamos. E é assim que vamos desmorando o sangue a essa mocidade, preparando-a para ser um miserável rebanho disposto a seguir docilmente, ovinamente os modelos impingidos pelo cinema.

Seria oportuna uma reaçãozinha da parte dos que possam sentir-se tristes diante desse processo de solapa da estrutura nacional que há 400 anos tão penosamente vimos erguendo, e a que é indispensável o cimento duma língua dúctil, vigorosa e expressiva, digna de confiança, e nossa, muito nossa. Cada um de nós, pai de família ou homem maduro demais para se deixar iludir pela tantejoula das modas novas, poderá dizer aos seus, em casa, que a história está mal contada, que o português, idioma dum povo tão apto à civilização como qualquer outro, nada fica a dever à dos que hoje são os vanguardeiros do progresso. Um comentário hoje, outro amanhã e ajudaremos a tirar da cachola de nossa rapaziada uma série de noções erradas sobre a língua que falamos.

Para mostrar quando pode valer a nossa vigilância, basta relatar um episódio do que participaram uma ginásiana dos seus 14 anos e o pai, a quem a garota inteligente queria vencer das maravilhas incomparáveis da língua inglesa.

— Sim, concordou ele. O inglês é duma riqueza vocabular espantosa. Justo o seu entusiasmo. Mas é preciso um conhecimento menos superficial do português para você ver que ele é igualmente rico. A propósito, você sabe que a palavra inglesa "farm" se desce traduzida por seis palavras diferentes — fazenda, sítio, chácara, granja, quinta e estância?

João Martins Rodrigues  
Folha da Noite S.P. 9/10/1945

## Em luta pela Cristandade

Foi a seguinte a mensagem enviada pelo nosso director ao Exmo. Sr. Dr. Vasco Vieira Garin, embaixador de Portugal nas Nações Unidas.

Exmo. Sr. Dr. Vasco Garin.

Muito saudar.

Humilde descendente de portugueses, de dinastas africanos e de brasileiros, sem título algum oficial da minha Pátria mas havendo por sobejas nqueloutros, venho solidarizar-me com V. Excia. e na sua digna pessoa com a própria Nação Portuguesa que também tenho por minha historicamente sem perder a natural. — neste momento tenebroso em que a inconsciência, a irresponsabilidade, a covardia e a tralgação de muitos ferem a Madre Lusitânia criadora à sua imagem e semelhança de comunidades católicas em todo o mundo com a mesma alma da velha Roma pagã e depois cristã formadora da Europa e, sobretudo, da nossa Hispanidade e Lusitanidade crentes, imperiais e civilizadoras.

Sirva esta singela manifestação para redimir o silêncio e convicência dos hipócritas e dos "cães mudos" que já não acossam os malfetores internacionais.

De V. Excia. irmão e cruzado na mesma guerra contra os novos bárbaros que ameaçam a decadente Cristandade ocidental.

(ass. Arlindo VEIGA DOS SANTOS (Da Pontifícia Universidade Católica, Instituto de Direito Social, Instituto Histórico e Geográfico, Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas, de S. Paulo; Membro de Honra do Circulo Sueco-Lusobras leiro de Estocolmo; da Confraternidade da Crociata di Cristo de Trieste, Da Biblioteca Partenopea de Nápoles, da Imperial Universidade Bizantina de Madrid, da Acção Imperial Patriarcal Brasileira, etc.). São Paulo, Brasil, 25 de março de 1961.)

Foi a seguinte a resposta do ilustre representante português:

3 de abril de 1961.

Exmo. Senhor Prof. Dr. Arlindo Veiga dos Santos  
São Paulo, Brasil.

Reconhecidamente agradeço a V. Excia. a sua carta solidarizando-se com a atitude do Governo Português no debate sobre Angola no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Creio V. Excia., Senhor Professor, que foi com uma profunda satisfação que tomei conhecimento das suas palavras.

Com os protestos de simpatia nela elevada consideração.

(ass.) Vasco Vieira Garin, Representante Permanente.

# Velhos truques da ré... Novas idéias luminosas!

Já disse, em vários artigos anteriores aqui estampados, que o mal não é dos homens. A instituição política republicana, que nos DES-governa, devemos atribuir a "desgraça completa" a que nos condenaram os traidores de 89. Todos os presidentes da RE — incluído, por suposto, o atual — uma vez no poder, ACREDITAMOS, animaram-se das melhores intenções de bem governar o país. Acontece que, de boas intenções, está o inferno cheio... Nada podem fazer, os coitados, já que a instituição política republicana — **ORA, MACHINA FENETRANDI MACACORUM**, no dizer jocoso do nosso incomparável Dr. VEIGA DOS SANTOS — não os deixa fazer o que seria o seu e o nosso desejo, isto é, bem administrar o país.

Dêde as "préscas éras" da RE, que a coisa se vem repetindo, como se fora uma música enfadonha de realejo. Já em 3 de novembro de 91, o Traidor-mór RuiM Barbosa, discursando no Senado em defesa de seu programa de destruição das finanças brasileiras — sua missão, conforme a própria confissão naquele documento — executado durante o período em que foi, para desgraça do Brasil, o Lo Ministro das Finanças da RE, até ao atual Ministro da mesma pasta, é de bom tom republicano, atribuir-se ao chefe do governo, ou governos anteriores, a situação desgraçada das finanças da nação. A verdade é que tudo resulta de uma avalanche de erros e desmandos acumulados, a partir do RuiM Barbosa, em 72 anos de prática de um regimen que não funciona, ou melhor funciona, mas funciona de molde a prejudicar a nação. Não tenhamos dúvidas, por isso, de que o próximo Presidente da RE — **SE É QUE OUTRO VENHA REALMENTE, A SER ELEITO**, dado o contrato a que a Nação já chegou — terá, provavelmente, o mesmo do atual, talvez com outras palavras, mas significando a mesma coisa: o outro foi o grande culpado; esbajou; permitiu o especulador; enfim um "mar de lama". É uma fatalidade histórica a que não podem fugir os homens, meros joguetes nas mãos da tal máquina de pensar matreca...

Não são outras as palavras que lemos, do Dr. Rivadávia Correa (A Verdade sobre a situação financeira do Brasil em 1914 — Rio — 1919, pag. 82 a 87), Ministro da Fazenda do governo Hermes, em defesa de sua petição naquela pasta. Citando e "Cerro da Moeda", a propósito da administração anterior do Lloyd Brasileiro, fala do "acabar com os escândalos que ali se praticavam". Acusaram-no, porém, mais tarde de tê-lo colocado "sob a direção do ministério da Fazenda, para a-

comodar afiliados e favorecer amigos". Defende-se dizendo: "reduzi, de muito, o pessoal excessivo então existente, cortando despesas e isentando abusos... Apesar disso, não deixaram, os contemporâneos, de acusar o governo Hermes de... SIC TRANSIT... "governo de lama"!

Disse mais o Dr. Rivadávia (isto com referência às boas intenções...): "Despesas e muitas se fizeram, já o dissemos; algumas talvez erradas e em parte perda, como as da valorização da borracha, MAS TODAS FORAM EFETUADAS COM HONESTA INTENÇÃO E FIM PATRIÓTICO." "...era um plano estudado e adotado para beneficiar...". MAS, "...não deu o resultado, é certo, como eu previra...". E, assim, se "vai levando" a administração pública, na RE, empiricamente, no "Deus dará, acumulando-se erros e desmandos que sempre se atribuem aos outros, aos anteriores, mas que se repetem, a cada quatro, a cada cinco, a cada quinze anos de DESGOVERNOS que se sucedem e que como verdadeiras pragas de gafanhotos vão destruindo inenunciavelmente o Brasil.

E, por toda essa farra financeira, quem paga é o "cé povinho" que tudo aguenta, na vã esperança de que "as coisas vão melhorar". Mas vão, heim! Nunca melhoraram, em 72 anos de prática do maldito regimen, como poderão melhorar agora? Será o senhor Jânio Quadros o fenómeno milagreiro tão esperado — e em vão esperado há tanto tempo pelos apologistas do regimen? Em plano desafiado não será o atual presidente da RE, capaz de tocar a "Sonata ao Lira". Nem Pedrorensky o faria... O regimen republicano é um plano desafiado; logo, Jânio Quadros não é melhor, nem pior, do que o foram Campos Salles e seu sucessor e Conselheiro Rodrigues Alves que pretendiam, como ele agora o pretende, reger o Brasil, com base numa política de recuperação económico-financeira, esquecidas, TODOS, de que o tempo conspira contra a RE pública, ao contrário do que faz no IMPÉRIO, favorecendo os seus governos que se continuam. A descontinuidade administrativa na RE põe todo a perder; estola as melhores boas vontades; as melhores boas intenções...

Campos Salles, em carta dirigida ao Conselheiro Rodrigues Alves, em 3 de janeiro de 1901 (vide Valentim Bouças — História de D. João Estorvo — pag. 194 pretendendo justificar a sua intervenção na escolha do seu sucessor, dizia: "...essa intervenção só pode legitimar-se... pela convicção de que o pensamento era dominante no governo da República terá o seu natural prolongamento no

período que se vai seguir". Mais adiante, completando este pensamento: a "obra iniciada pelo governo atual..." "...deverá ser continuada pelos governos futuros".

Eis ali Nenhuma obra permanecerá se não for "completada pelos governos futuros". No IMPÉRIO, todas as obras se completam, porque os governos se continuam no tempo e, de resto, nenhuma obra se faz com o fito de marcar uma determinada personalidade, ligando-a pela sua obra à história do acontecimento, como na RE pública. Nesta, os governos se sucedem e suas obras se interrompem, em curtos períodos que mal dão para os governantes pensarem nas próximas eleições, as quais, mal começa o governo, logo estão a ser realizadas de novo.

Admitindo-se, ad urgendum, que o senhor Jânio Quadros consiga levar a bom termo o seu propósito de estabilização do custo de vida e recuperação económico-financeira do Brasil, perguntamos: que garantia temos de que o seu sucessor virá animado dos mesmos propósitos? Convém aqui lembrar que os governos não são mais ditos a "bico de pena", como o eram ao tempo de Campos Salles... apesar de serem as eleições poderosamente influenciadas pelo poder económico, seja do governo que se finda, seja de grupos "nacionais", ou estrangeiros interessados nesta, ou naquela atitude económico-financeira do governo, convergente aos seus excessos e inconfessáveis interesses. E, pois, um tanto, ou quanto alcaçaria a influência que o governo atual terá em 1963, na eleição do seu sucessor que, eventualmente, continuaria a sua obra. Será o sucessor do senhor Jânio Quadros não "estar pelos seus autos" e seguir uma política diametralmente oposta à sua, atual. Não seria isto de estranhar, pois que a política que está seguindo é, TAMBÉM, diametralmente oposta à que, faz apenas alguns meses, seguia o seu antecessor, presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Não será de admirar-se, portanto, que o próximo provável, faça o mesmo... Esta é, aliás, a constante republicana.

Em matéria de estabilização monetária e planificação económico-financeira, têm a RE pública e os seus associa muito que aprender com o IMPÉRIO. Não o fazem, porém, porque não querem estudar, como nós o fazemos com sofreguidão. A "História é a mestra da Vida". Os republicanos, entretanto, não querem saber disso. Como têm a cabeça vulcânica, inventam "novidades". (que, no geral, são "mais velhas do que a Sé de Braga"), com elas pretendendo "salvar o Brasil".

De 1843 (data do assentamento definitivo do padrão do mil réis, no Império) até 1889, mantiveram os governos imperiais — que foram inúmeros e se sucederam até em períodos muito mais curtos do que os acontecidos nestes nefastos 72 anos de RE — a moeda praticamente estável, DURANTE 46 ANOS. Aquêl brasileiro que tivesse economizado e depositado num banco, por exemplo, em 1843, uma moeda de 2 mil réis (dois cruzeiros), resultou ter em 15 de novembro de 1889 (fizámos bem 15 de novembro de 89, porque a partir dessa data, não teve mais...) OS MESMOS 2 MIL RÉIS DE VALOR INALTERADO. As moedas que eram cunhadas em 1843 com 25 gramas de prata, também o eram ATÉ 15 de novembro de 89, com idênticas 25 gramas de prata equivalentes a um dólar norte-americano. De resto a libra esterlina que pela paridade de 27 dinheiros, era cotada em mil e oitocentos e oitenta e oito centavos, era cotada, (ao câmbio de 27 e 3/4) a \$847, isto é Cito cruzeiros e 65 centavos em 15 de novembro de 89. Esta proeza é tanto maior quando se sabe que, no regime do padrão ouro, o câmbio era instável, por excelência, porque sujeito à especulação cambial mais desenfreada.

Veio a RE e o que aconteceu? As moedas do IMPÉRIO que eram:

20 mil réis (vinte cruzeiros) — cunhadas em 17,93 gramas de ouro 22 quilates;  
10 mil réis (dez cruzeiros) 8,955 gramas de ouro 22 quilates; (A libra esterlina tinha 7,32 gramas);  
5 mil réis (Cinco cruzeiros) 4,482 gramas de ouro 22 quilates;  
2 mil réis (Dois cruzeiros) 2,5 gramas de prata (igual ao dólar que tinha aproximadamente o mesmo peso) — (Valia 1,83 cr.);  
1 mil réis (Um cruzeiro) 1,275 gramas de prata — (Valia 1,83 cr.);  
500 réis (cinquenta centavos) 0,637 gramas de prata.

(As moedas menores eram cunhadas em cobre.) todas elas foram "desmilinguindo", "desmilinguindo", "desmilinguindo": em 1907 (apenas dezesseis anos decorridos) as moedas que circulavam, de prata, (as de ouro haviam desaparecido, totalmente) estavam reduzidas (as de 2 mil réis — dois cruzeiros) a 20 gramas, embora sem nenhuma relação, mais, com o valor real da moeda, pois que, estando o câmbio a 15 dinheiros, estas moedas deveriam ter pouco mais de 13 ou 14 gramas, eis que o valor da moeda tinha caído de 27 dinheiros a 15. Daí por diante as moedas passaram a ser:

1922 — apenas, banhadas a prata.  
1938 — de bronze, sem ba-  
(Conclui na página seguinte)

## VELHOS TRUQUES DA...

(Conclusão da pág. anterior)  
abo de prata.

1937 — de alumínio puro.  
Mais um pequeno arranço e estaremos conchando moedas de papelão (que papéisão...) e, a final, se a R\$ continuar, de casca de banana.

Assim caminha o regime da DESORDEN E DO REGRESSO: como o caramujo, para trás, sempre para trás!

A R\$ vive de expedientes; de truques, para enganar a opinião pública, tão feita de estudo e de instrução, que a tudo assiste "estupidificada". Não foi outra coisa, senão isso, que o senhor Jânio Quadros fez, ao baixar, através da Sumoc a instrução 204. Honra lhe seja feita, porém, pois teve a honestidade de o declarar de público e não. Pretendeu com ela deixar de emitir o que, estratagemas, ainda não conseguiu (As tais de boas intenções...). O seu objetivo era deixar de emitir, substituindo as emissões por um aumento vegetativo do imposto, por força do aumento do custo de vida.

Vejam, como se poderá contar, para que todos a entendam, a história:

Em matéria de finanças e economia, para as situações de abertura, só o simples e o natural são remédios. Não o entendam assim os improvisados super-técnicos governamentais.

Quando um indivíduo ganha 10 e deve 20, só tem três caminhos a seguir:

a) — pode emprestar o que lhe falta para liquidar a dívida presente, transferindo-a para o futuro, quando espera ganhar o suficiente para liquidá-la;

b) — simplesmente deixa de pagar, tornando-se devedor relapso, caloteiro, perdendo o crédito que nunca mais conseguirá recuperar; ou

c) — irá roubar, para manter uma aparente honorabilidade, resgatando o débito no prazo devido.

Um Estado nada mais é do que um indivíduo em grande, sujeito aos mesmos problemas, que comportam, exatamente, as mesmas soluções. O Estado brasileiro deve, segundo o atual presidente e seu Ministro, neste exercício, 400 bilhões e só irá arrecadar 200 (desculpem-se não reproduzo aqui os algarismos exatos, que não vêm ao caso, para a linha desta argumentação), isto no plano interno. No externo deve 1.400 milhões de dólares e arrecadará por volta de 800 milhões. Logo, para solucionar o problema:

a) — teria de pedir emprestado; ou

b) — teria de deixar de pagar; ou, ainda,

c) — teria de "roubar", para cumprir os compromissos anteriormente contraídos.

No plano externo, optou pela primeira hipótese (afinal parece que bem sucedida — parece, porque jamais se sabe ao certo o que acontece nestes acordos republicanos...). Já que deixar de pagar seria a desmoralização total. Aproveitou-se,

para isso, de um momento histórico difícil para os nossos tradicionais exploradores, para os tradicionais exploradores da indústria republicana, que estavam com a "conta no pescoço" e por isso foram obrigados a "arrear a moeda". No interno, porém, em virtude de o crédito do Estado estar mais curto do que "manga de coleto", sendo absolutamente impossível um empréstimo interno, a não ser compulsório (como é o caso das letras de importação e exportação do Banco do Brasil); ou deixar de pagar o que o Estado deve: ordenados do funcionalismo (que no Brasil, como na França e como, de resto, em todas as RAs, formam legião...); ou, as contas dos empreiteiros das obras do Estado, o que levaria o Brasil a um cataclisma social, optou o governo pela terceira hipótese (combinada, porém, de certa forma, com a primeira) isto é, o "roubo", para atender aos compromissos do Estado, neste exercício.

E diara a palavra "roubo"? Não é isto o que importa. Importa saber se é, ou não, adequada ao caso.

Poderia o governo lançar mão de 3 variantes, para a terceira hipótese:

ou "roubaria" as suas próprias EMITINDO PAPEL MOEDA que, de uma hora para outra, reduziria os seus haveres, através do desgaste inflacionário da moeda de sua propriedade, que passaria a ter menos valor e a comprar menos do que antes;

ou "roubaria" AUMENTANDO OS IMPOSTOS, o que seria, por uma forma diferente, "por a mão no bolso" do contribuinte, exigindo-lhe compulsoriamente (dai o roubo), o desfazer-se de uma parte de seus haveres contra vontade, para atender ao pagamento desse aumento;

ou, finalmente, "roubaria", provocando, através da DESVALORIZAÇÃO DO CÂMBIO — no caso uma pretensa atualização do valor de troca internacional do cruzeiro (valor este meramente especulativo) — um aumento do custo de vida (falou o senhor Jânio Quadros em 2%), o que lhe proporcionaria, através de uma imediata maior arrecadação de impostos (eis que estes são calculados sobre o produto nacional — isto é, o preço de venda das utilidades e serviços que a nação produz — o qual aumenta sempre que aumenta o custo de vida, pelo maior preço de tudo), para, com este expediente, poder se fazer face aos seus compromissos do exercício em curso.

O truque do senhor Jânio Quadros e seus assessores, como vimos não foi diferente daqueles usados pelos seus antecessores, chamassem-se eles Juscelino, Dutra, Hermes, Bernardes, ou qualquer outro milagreiro guindado, em qualquer tempo, à presidência da R\$.

Uns EMITIRAM DINHEIRO sem lastro.

Outros AUMENTARAM OS IMPOSTOS.

Outros, ainda DESVALORIZARAM O CÂMBIO.

Nos três casos, produziram o mesmo resultado: a desvalorização da moeda, com o consequente aumento do custo de vida e o empobrecimento geral do brasileiro, pósto que os especuladores — de todos os tempos e de todas as épocas — aproveitavam-se das situações, assim criadas, se tenham, sempre, como agora, se "enchido à pamparra".

Foi o senhor Jânio Quadros, mais completo, porém, EMITIU, AUMENTOU OS IMPOSTOS no seu quantum (através da desvalorização do câmbio) e PEDIU EMPRESTADO compulsó-

riamente, externa e internamente (neste caso, através da obrigação de compra, pelos importadores e exportadores, das letras do Banco do Brasil), com as quais os especuladores se vieram a "cevar" na base de 32% (trinta e dois por cento) ao ano.

Demonstrei em artigos anteriores, em que analisei o câmbio e a emissão de papel moeda nos dois regimes: o IMPÉRIO e a R\$, que o IMPÉRIO é, de sobre, o melhor regime. O único, aliás, que convém ao Brasil.

Por que não nos livramos, então, da "desgraça completa"? Com a palavra os homens que podem, querendo, dar resposta a esta indagação.

José de OLIVEIRA PINHO

## A ETERNA LUTA

O poder da "Civitas Diaboli" é muito grande. Está em incessante luta com a "Civitas Dei": não poderá haver paz entre elas enquanto durar este "éon" da criação. A "Civitas Diaboli" também não pode nesta era ser definitivamente vencida: antes da consumação dos séculos não se travará o combate decisivo e antes do advento da plenitude do reino de Deus o mal não será expulso do mundo. O Senhor já o profetizou, já nos preveniu de que a seara de Satã há-de amadurecer até à agra e, até lá, antes do tempo marcado, não será extirpada a erva daninha.

Eis porque será acérrima a luta contra o reino de Satã que comportará muitos triunfos do Diabo e reveses do Bem. A nossa geração que, mais talvez do que qualquer outra, conhece por experiência o efeito das obras de Satanás, não poderá subestimar a força do anjo caído. Como poderemos, porém, enfrentá-lo? Não é pretensão nossa tratar aqui da luta da alma contra o mal, assunto que compete a uma teoria da moral e da ascética cristã, a uma introdução geral à formação cristã da vida. Pretendemos somente recordar que, segundo o testemunho de Paulo, basta ao homem a graça de Deus para resistir a qualquer tentação de Satã. Isso implica, porém, que a graça de Deus é também necessária: sem a assistência divina teríamos de submeter-nos ao Diabo, reconhecendo assim qual grande é o seu poderio. Se perdermos a graça de Deus por culpa própria cairíamos sob o jugo de Satã mesmo sem o sabermos. Estaríamos perdidos, se não fôr a mediação da graça de Deus, por via dos sacramentos.

Há, todavia, como já vimos, uma declarada ofensiva de Satã, que se traduz na pretensão de destruir a ordem do mundo humano. Devemos agir contra esse desígnio, de outro modo seremos devorados pelos caos, e o verdadeiro caos é o inferno. Satã quer impedir a progressão e a preparação para o reino de Deus. A progressão em direc-

ção ao reino de Deus não é, porém, somente a história oculta da eficiência da graça divina, nem é apenas a história íntima da Igreja ou da santificação dos membros do "Corpus Christi Mysticum" — corresponde também especialmente à acção ordenadora do homem, segundo a sua livre compreensão e realização da lei de Deus. Por isso o reino de Satã se dirige contra a ordem universal, que é concordante com a lei de Deus, no seu mais vasto sentido.

Impedir a agressão das forças do mal, dar combate ao princípio das trevas, é a única verdadeira guerra total, porque é incondicional e sem quartel, não conhece limites e é a única permanente pela impossibilidade do acordo final: é esta a missão da actividade política do cristão: Não é, pois, justificável uma estéril política simplesmente defensiva. A acção de Satã, que é negação, exige a contra-ofensiva da afirmação da lei divina e natural no esforço construtivo, na fundamentação da ordem. Isto é, na negação da negação. Nem sempre isto exige grandes planos e exaltadas idéias; a acção cotidiana, sem ostentação de fascinação grandiosa, pretendendo somente ir ao encontro das necessidades urgentes, luta contra a cidade do Diabo, desde que a visão dos últimos fins permaneça no seu horizonte. O político cristão não deve esquecer que fundamentalmente não combate contra carne e sangue, mas sim contra o poderio de Satã — contra uma forte e extraordinária inteligência. Deve procurar atingir este inimigo, e não as armas da construção e da conservação que vitram o golpe decisivo no destruidor e homicida.

Uma política de sentido cristão reconhece-se sobretudo pelo facto de possuir uma perspectiva escatológica, (ainda que o saber acerca desta perspectiva não possa manifestar-se espiritualmente a cada passo).

Anton BOHM, Satã no mundo actual, Livr. Tavares Martins, Fátima, 1909.

# O essencial e o acidental

1. Como o uso de palavras, de certas palavras, em determinadas temporadas, assim também é o uso de chavões, das frases feitas, das afirmações gratuitas que os escrevinhadores e paleiros e até distintos plúmbeos e oradores ousam repetir sem raciocinar. É o lado mau da imprensa afobada. Por vêzes advém da filosofia momentosa a imposição do vocábulo: *insperativo*, termo que ficou, lembra o kantiano; *humanidade*, *positivo*, *leis positivas* (em certo sentido suscito), bem como metafísica em sentido pejorativo, são chavões metralhados no começo da república, graças aos sequazes de Comte, aliás pequisissimos. Andou em voga há tempos a palavra *clima* a todo propósito e sem propósito nenhum. *Moda!* O mesmo se deu com o termo *complexo*, no sentido freudiano, nas mesmas condições. Houve em tempos um pouco mais remotos o abuso de *pendice de p...ria*. Simples princípios que às vêzes nem o eram, e especialmente com o a-smoal! Já morreram. Aproveitando-a no seu circo, também o Píolim fez palhaçadas com emprêgo de "princípios". Era "chic". E também "chic" se morri.

Por ocasião da guerra passada, fruto do pensamento e vontade imperialistas que tanto podia partir de democráticos como dos defuntos nazistas e "palpitantes" comunistas hodiernos, projectou-se na atmosfera a palavra *democracia* com todos os seus parentes vocabulares. Reagindo, até os nazistas e bolchevistas (estes então aliados daquele!) se proclamaram *democráticos*. Prestígio da palavra e não do conceito e seu objeto. Raros os homens avulsos corajosos para afrontar vozes em fugaz prestígio...

Agora, lançaram os tolos da ONU, ecoando os planos de Moscúvia, Auto-determinação dos povos, menos os "determinados" pela colonização urssista na Europa. Com a palavra, o terrorismo credo na África pelos malfetores internacionais que tudo atribuem aos não bolchevistas, chamados "fascistas" pelos inocentes comunistas seus filios e seus criptos.

2. Em um dos seus últimos livros opõe-se a esse prestígio de frases ou vocabulos o notável Charles Morgan. Refere-se com efeito, à afirmação sedicida, tão comum, de que determinadas coisas *"sunt aut"* não-de-ocorrer no mundo. De que tais costumes, tais factos, tais regimes jamais reaparecerão sobre a face da terra. E a propósito entra no discurso do ser, novidade, prestígio permanente entre os pobres mortais.

Ora, já há milênios asseverava o sábio rei dos hebreus nada haver de novo debaixo do sol. O novo é apenas o velho remeado em certos aspectos, bem como o velho é novo que cedou lugar a outro na maré da voga contemporânea. Geralmente, o novo confunde-se com a moda (amido repetição de formas antigas), embora possa não o ser. E, se "la donna é mobile" impõe-se-nos a moda como algo predominantemente feminino. E poder-se-ia asselar-lhe o predomínio de "infantil" como das crianças é própria a variação, a sede de mudanças. Ao revés, caracteriza-se normalmente estável nos propósitos e procedimentos o adulto.

3. Com viver mais de quarenta anos, máxime na vertigem louca dos tempos modernos, goza a gente do privilégio de haver assistido a muitas modas e, o que é mais, vivida as mesmas, mental ou fisicamente. Por exemplo, física ou, melhor, indumentariamente, envergou palatós cintados, palatós frouxos, casacos pregueados, com barras posteriores, sem barras, de golas largas, estreitas, redondas, com casa na lapela, sem casa, costurados atrás, sem costura, etc... Usei calças bombachadas, rectas, canudo-de-pito, cintura baixa, bolsos assim, bolsos "assados"... e diabo a quatro. E jamais gostei dessas brincadeiras.

4. Literariamente, assisti à transição do parnasianismo de Bilac e Alberto de Oliveira com os últimos fumes do simbolismo para o modernismo de Graça A-nha e da semana da arte moderna, ecos dos clamores marinéticos na Europa. Tinha uma gente danada que se propunha matar o luar e as serpentes, substituindo tudo por "robota" mecânicos. Era um caos ainda, anterior à passagem do espirito fecundador.

O luar, porém, não era apenas moda, e continua firme. Vivi a literatura renovadora na minha cidade de interior modestamente, já era um renovador quase acitório (como o atesta o meu poema "Amar... e amar depois", publicado em 1923), enquanto mais desconhecido do que o soldado do mesmo nome.

Depois, precipitou-se tudo teo para vários e descontraídos ou quicá encontrados caminhos. E, agora, mais de um quarto de O acidental esvaiu-se, passou, parece-me que tudo reconce... O acidental esvaiu-se, passou, e essencial permanece.

Só os idiotas insistem em apagar-se no acidental e confundem que isso é tudo. Voltam "aliquotes" antigos. Já crescem as moças as saias rojopertis

que lhes vi em menino. Impõe-se-me outra vez a galça canudo-de-pito que me torturava há uns vinte e cinco anos. Daqui a nada, teremos como nas músicas o "Do esp...".

Quid novif?

5. E, na profundidade da minha crença religiosa e na ausência das minhas convicções filosóficas e políticas, nada mudou. Continuo católico na Fé, promiso neo-escolástico, quase circi aristotélico na filosofia, e monárquico integral na política. Há, pois, que distinguir entre o acidental e o essencial. O acidental é o passageiro, o efêmero, o moedeiro e, por assim dizer, o infantil, o feminino (sem ofensa às nossas caras metades!), o lunar, a *moda*!

Vem com muito ruído, farta presunção, demasiada fanfarras e alvorito contra o passado, contra o permanente, contra o eterno, contra o bom senso, contra o verdadeiro que não é velho nem novo... e passa. Apenas moda!

Validade das validades, tudo validade

Com as próprias raízes do ser e da vida o essencial confunde-se.

Para poder manter-se, não se avêia o acidental. E o pouco que daquele e acidental carga constitui o segredo e razão da existência do acidental carente de substância.

Mudam-se as aparências do vestuário; mas, uma vez que ainda realiza o fim de vestir o corpo, é roupa.

Em política, assisti à euforia e orgulho pagios dos estados burgueses, liberais e capitalistas despreocupados, de antes de 1914, deusando a justiça social e a justiça de Deus. Fora longa demais a *moda liberal* para que esta duvidassem. Lembrou-me da soberba de Waldeck-Roussas e da impiedade de Combes, mais tarde limitadas pelo famigerado Calles do México.

E veio o desengano medonho da primeira guerra grande, e vicimas as agitações e revoluções sociais, para estracalhar o seacção paquidérmico dos imbecilentes pais-de-pátria. O pouco do essencial na governação dos povos conservara o possível de paz. Agora, era o fim por desatenção a toda a finalidade do governo: o bem comum íntegro, temporal e espiritual.

Instigando o erro fatal dos tiranos gregos reivindicadores, contra a despreocupação dos estados burgueses modernos, esqueceram-se — outros belenos à Platão — os totalitários do oriente e do oriente...

Já passaram os do acidental... Faltam os outros, mais

ferozes, mais cínicos, com o seu satanismo contra as nações e contra Deus.

7. Não estaremos nós brasileiros, igualmente, sendo vítimas dos chavões, das frases feitas, do feticismo vocabular, da moda, em nossa vida política?

7 Não estaremos a ser porventura ou desventura os infantis otários do prestígio do da palavra República, de cambalhada com democracia e federação, que só favorece a minorias audazes, inescrupulosas e sem vergonha?

Há várias décadas que não fazemos senão apensar-lhe adjectivos (acidentes) na gana poeril e baldada de "melhorá-la", de faz-la realizar os sonhos históricos dos históricos de 89.

Já foi a república ditatorial de Benjamin, a ditadura republicana criminosíssima do Floriano "consolidador" (como me ensinaram na escola primária e ingenuamente cheguei a repetir psitacóticamente...), a república civil do Prudente "governamental e fiscal" do Campos Sales, etc... etc... a república forte do Washington, a ditadura getuliana post-revolucionária a fragilíssima democracia social de 34 assaltada pela quinta-coluna urssista, a covarde renovação nacionalista do Estado Novo que não ousou restaurar no Brasil as suas instituições deveras nacionais, a república redemocrática do general Dutra... Basta!

8. E é acidental tudo isso para a realidade histórico-tradicional do Brasil, para a nossa originalidade institucional na América; pois, conforme a conclusão apodética dos estudos concenciosos e objectivos sobre a nossa evolução política, só nos cumpre afirmar ser o Brasil uma pátria Imperial que não rode de modo nenhum ser república. Esta é anti-nacional, dissolvente e separatista. Pode (em definitivo) dar-nos unicamente (como tem dado) miséria, desentendimento, desorganização e fraqueza. Somam-se os males, e continuam. Não se somam os acertos, e desconheciamos.

Mas, para que clamar?

Mais do que a realidade vale o misero vocábulo "república", com o seu feo e nefasto prestígio.

Cede o ouro do essencial aos ouropês do acidental!

Arindo VEIGA DOS SANTOS

Chefe Geral Patrianovista

P.S. — Com pequeníssima actualização é este um artigo publicado em 1948 em uma folha académica. O essencial não muda.

# --- O MORTO ---

Ele há de vir, o glorioso Imperador.

Questão de tempo — e os mortos podem esperar que também mais alguns grãos de areia na ampulheta da história, eles que diante de si têm o infinito da eternidade.

Ele há de vir, e será esse um grande dia na cidade que o viu nascer e onde reinou cerca de meio século.

Quando se aproximar a nave alterosa que o trouxer, sobre o comoro de granito que vigia a nossa barra ler-se-á uma inscrição gigantesca... Salve! dirá em letras colossais. E lá a terão pôsto como legítima expressão do entusiasmo geral de um povo.

Nas fortalezas os ignívoros canhões, cansados de pautar os tresvairios da demagogia, com a sua voz estrondosa aclamarão no fêretro àquele que tantas vözes saudaram no berço e sobre o trono.

Olhar-se-ão as ruas de multidões sófregas por contemplarem, se não as feições do morto idolatrado, pelo menos o fúnebre aparato de que se envolver a sua glória derradeira. E elas as turbas frementes a compungidas, hão de estender-se desde o local que o viu embarcar a desoras, entre soldados, como se fóra um malfeitor, até ao esplêndido monumento que lhe há de guardar os restos mortais.

Um pranto enorme, qual o que os profetas suscitavam nas cidades penitentes, tem de levantar-se até aos céus, quando em terra brasileira tocar o esquite imperial; e nesse magno clamor entrará, com o arrependimento da fraqueza que deixou perpetrar-se o parricídio, a mágoa de haver trocado pelo regimem da liberdade a paródia democrática de que temos sido resignadas testemunhas.

Voltará — mas oh! tristeza! já não poderá irradiar-se, com as fulgurações de imensa bondade, o sereno e limpo azul de seu olhar paterno.

Rígido e imóvel, descansará envolto na bandeira nacional — na antiga, na de Toneleros, na de Monte Caseros, na de Humaitá, na de Tufuti...

Os ecos, repercutindo o troar da artilharia, não lograrão despertá-lo; nem as aclamações de uma nação inteira conseguirão sacudir o gélido torpor daquele sono de morte...

Demais, tôdas as honras que um dia lhe negou o seu povo, êle as terá tido em país estranho.

Expulso por alguns poucos batalhões, haverá reunido, para o seu funeral, a melhor parte de um grande exército

Conspurcado pela ignorância de raros parvos, terá deixado o mundo entre as respeitadas condolências das primeiras associações de sábios.

E enquanto no Brasil não faltou quem lhes chamasse tirano, a imprensa livre das grandes metrópoles, nas monarquias como nas repúblicas, em Londres e em Berlim como em Paris e em Nova-York, teceram unânimes os maiores elogios que se possam tributar a um ilustre amigo da liberdade e ao seu maior propugnador em terra sulamericana.

Não importa... Ao luminoso espírito que já paira em esfera superior, — se é que lá se consente a visão das regiões terrenas — será mais grata que tôdas a última ovação do povo brasileiro.

Nós lha devemos; e nós a temos de pagar.

As paixões contemporâneas vão se apagando, gradualmente, como o incêndio que se extingue pela sua mesma violência.

A morte e o embate das sedições vão clareando as fileiras, de um e de outro lado. Mais algum tempo, e justiça será feita.

Para o grande morto mais apressada que para outros se pronunciará a sentença da história — porque nos bons entrou a desaparecer o terror, e para os maus desde muito começou o remorso.

Ele há de voltar, repetimo-lo — em que esta nossa proposição suscite o riso alvar dos que em tudo vêm o sebastianismo.

Sebastianistas — cumpre não esquecer-lo, — eram os Portuguezes briosos que faziam votos pelo regresso do seu

rei cavalheiro, quando o Leão de Castela empolgara a soberania de Portugal.

Sebastião, o cavalheiro de Alcêcer-Quibir, cético que não tornou à plaga lusitana: mas finalmente reviveu, quebrantando com o guante de João IV o domínio espanhol, e confundindo os desbrizados que haviam aderido à humilhação da pátria.

Não há, pois, que desfazer nas longas esperanças populares.

Se o que existe é a tirania, seu predomínio não poderá durar muito; se é democracia, a última palavra pertencerá ao povo, e não ao officialismo.

Ele há de voltar — e será esse um belo dia para a cidade em que viveu, e onde reinou pacífico e glorioso!

CARLOS DE LAET

"O Brasil", 10.12.1891. Rio.

## CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

- 3 de Maio — Dia da Santa Cruz e da Fundação de Pátria-Nova (AIPB)
- 13 de Maio — Dia das Dinastias Lusíadas (Dom João VI) e da Unificação Nacional (Abolição da Escravatura)
- 11 de Junho — Dia da Armada Imperial
- 13 de Junho — Dia das Tradições Nacionais (Santo António).
- 2 de Julho — Dia da Resistência Nacional (Vitória de Pirajá contra as Côrtes liberais).
- 20 de Julho — Dia da Fôrça Aérea Imperial (Santos Dumont)
- 25 de Agosto — Dia do Exército Imperial (Duque de Caxias).
- 7 de Setembro — Dia da Fundação do Império
- 13 de Setembro — Dia do Imperador (Dom Pedro III).

## ÁFRICA PORTUGUESA

"O caso da África Portuguesa não é, positivamente, um caso apenas português. Interessa directamente ao Brasil e, depois, a muitas outras nações".

São palavras do sr. César Henrique Moreira Baptista, Secretário Nacional da informação de Portugal.

Para reforçar a afirmação aduzida, basta verificar como experimentalmente se fêz no passado, ser Angola o caminho mais eficaz da invasão da América a partir da Europa... e vice-versa. Mas o que nos interessa é o que pode vir de lá contra nós, se cair nas mãos dos bandidos internacionais materialistas, embora silenciados outros aspectos cruciais da questão.

Se tivéssemos cabeça, fácil seria tomar no caso o partido certo, que é unicamente o da nossa Lusitanidade fundamental, sem a qual não há Brasil.

A ignorância histórica da maioria absoluta da presente geração não sabe que, no século 17, foram tropas e armada aparelhadas pelo Capitão-mor governador da Capitania do Rio-de-Janeiro quem retomou Angola da mão dos holandeses invasores.

Hoje, fornada em novas bases a Comunidade Lusitana, talvez possa caber ao Brasil, a pedido de Portugal (se êle o precisar), a defesa daquela nobre Província demograficamente tão parecida com a nossa Terra, e vítima de estados capitalistas e comunistas... simultaneamente.

Pode repetir-se a história. Estamos psicológica e bélicamente preparados para isso com êsse eterno recomêço de tudo que se chama república democrática e federativa dos estados unidos?...

# Portugal contra o comunismo

## Quantas Monarquias há actualmente

### A SUÍÇA INFORMA:

Para se imaginar o prestígio do governo de Lisboa na órbita ocidental, cumpre não esquecer que Portugal, governado por um regime autoritário, foi admitido no grémio das Nações Unidas. Pela iniciativa de seu velho aliado inglês, fôra de supor que o dr. Salazar, empenhado em tentativas de invasão do seu território ultramarino, haveria de ter pelo menos a boa vontade do Ocidente anti-russo.

Seja como fôr, o que é que ele está defendendo de armas na mão, com impávida firmeza, sozinho, sem auxílio de ninguém, dentro da savana do mundo negro? A integridade da bacia atlântica, ameaçada pelo avanço do imperialismo soviético. A resistência dos portugueses coincide com a prôgação do presidente americano, em favor da unidade cristã e dos povos de outras confissões amantes da liberdade de seu país.

Veja-se, porém, a calamidade que desabou sobre Portugal, quando ele aceita o desafio que lhe manda a União Soviética, através de incursões terroristas, na orla de uma colônia que até ontem vivia em paz com a sua metrópole.

Publicam telegramas da Suíça os jornais americanos, informando que o diário "Notícias de Basileia" traz uma reportagem completa a propósito da crise angolana. Ela, ao ver do importante e sisudo jornal da Suíça alemã, tem como origem única o governo da União Soviética. Agentes seus e de outro país da Cortina de Ferro organizaram sete sociedades com o fim especial de elaborar a invasão e a revolta em Angola e Moçambique. Vem publicada a lista de todas as sociedades russas que estão actuando na África, afim de invadir e subverter as duas possessões portuguesas. Devemos dar fé ao relato suíço, porque os helvéticos estão bem informados das coisas soviéticas.

Na revolução de 35 no Rio e no Nordeste, Getúlio Vargas convocou um grupo de burgueses paulistas e cariocas afim de antecipar a notícia da revolução, que Moscou preparava contra o seu governo. Ele deu até detalhes na exposição que fez na casa de Guilherme Guinle.

Daí a dois meses estourou a revolta militar. Tudo se passou como o presidente havia descrito em sua palestra sessenta dias antes.

Perguntei-lhe depois onde obtivera aqueles dados preciosos. Ele me disse apenas isto: "Na Suíça".

Com nenhum aliado se encontra Portugal. Os poucos tímidos, das primeiras horas, abandonaram-no e hoje é uma serena homogeneidade com a União Soviética, para que Lisboa faça em Angola aquilo que a Rússia planejou e está exigindo pela violência armada.

Esta é das amargas ilusões do nosso tempo. Encontra Portugal, no caminho da sua evolução política, reunidos, para tomar-lhe a pérola das suas colônias, os tártaros do oriente e os democratas do asfalto de Londres e Nova York.

Isto faz lembrar o episódio da batalha, que travou o condestável de Bourbon na Itália, na qual seu filho, para abrir-lhe caminho no meio da tropa inimiga, gritava de espada na mão: "Guarde-se a direita, senhor meu pai; guarde-se a esquerda".

Portugal encontra-se em um momento em que os seus amigos se acham confundidos com os soviéticos no mesmo manto de púrpura, que anuncia o inimigo comum.

Assis Chateaubriand

(Do artigo "A ronda do destino". O Jornal, 27-6-61)

Nos idos de 1870, depois da tremenda luta e vitória do Império Brasileiro no Paraguai, contra o tirano republicano Francisco Solano Lopes, começaram uns ignorantes presunçosos, marginais da cultura, desencaminhados pelo macaquismo aos únicos legítimos e naturais Estados Unidos (os da América do Norte), a desejar "federação" e república para o Brasil através das "lojas" internacionais e anti-nacionais, que já haviam feito tentativas anteriormente em Minas, na Baía e no Nordeste, para implantar a tola paranoia anti-tradicionista e espúria, contra os sentimentos nacionais.

Tagarelavam eles sércamente chamando à Monarquia "planta exótica", de todo em todo alheios à realidade, hóspedes em sociologia objectiva. E enquanto não houve tração armada, negociada nas alforjas secretas, nada conseguiram.

Não os demoveu do marginalismo político o conhecimento das desgraças advindas à América Espanhola, republicana, da pelos drmagogos em tração à sua história e formação à imagem de Castela, embora tentassem em vão os mais doutos "libertadores", como Bolívar, San Martín, Belgrano, Iturbide e outros, instalar troncos ibero-americanos que eram a aspiração quase total dos povos neo-espanhóis.

Fácilmente se capacitariam dessa *corrente histórica* os Silva Jardim, os Tróvões e outros demagogos ignorantes e gritadores, caso estudassem um pouco a história dos estados que iam, por desgraça nossa, imitar com a tração de 89. Se não fossem apenas tagarelas abstractos, saberiam que nos próprios Estados Unidos (os verdadeiros) muitos dos mais sábios "Fathers" queriam a Monarquia, respeitando a soberania dos origens, contra a verdadeira "planta exótica" que é a república. Há-os ainda hoje, pobres retardados mentais e foneis da cultura, que repetem a mesma anseira. A esses coltados, se quiserem porventura aprender, recomendamos, entre outros, dois livros bem interessantes: — *La fin de l'Empire* Eggnol d'Amérique, de Marius André, e *Bolívar and the Political Thought of the Spanish American Revolution*, de Victor André Belaunde. Mas há muitos outros versando a matéria.

Mudadas as velhas instituições, o individualismo ibérico descaimou-se e, em face da desordem geral, dominaram os caudilhos tirânicos e sangüinários. Foi a um desses que o Império teve de ir combater no Paraguai. Por irrisão da sorte, foi no Prata, onde protegemos os povos irmãos contra ferocismos "fideles" daqueles tempos, que uns bobocas foram *aprender*... república para nos impor totalitariamente pelas armas que deviam, sob as ordens da Legítima Autoridade (Imperador), defender a nossa Imperial Nação.

Para não irmos mais longe quantas Monarquias há hoje, bem ou mal, em todo o mundo? Vejamos pela ordem alfabética:

- 1. Afeganistão, 2. Arábia Saudita, 3. Bélgica, 4. Br-tã, 5. Camboja, 6. Dinamarca, 7. Etiópia, 8. Grã-Bretanha (Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda do Norte), 9. Grécia, 10. Holanda, 11. Iemen, 12. Irão, 13. Japão, 14. Jordânia, 15. Laos (ora ameaçado pela república-comunista), 16. Líbia, 17. Liechtenstein (Principado), 18. Malásia, 19. Marrocos, 20. Mónaco (Principado) 21. Nepal, 22. Noruega 23. Suíça, 24. Suécia, 25. Tailândia.

Além desses países, há mais os seguintes correspondentes a Monarquias: — 1. Austrália (Domínio britânico) 2. Canadá (Domínio britânico) 3. Ceilão (Domínio britânico), 4. Covaite (Sultanado), 5. Luxemburgo (Ducado), 6. Malesia (Sultanado), 7. Omã (sultanado), 8. Nova-Zelândia (Domínio Britânico). A Espanha *legalmente* é Monarquia, sob provisória régencia.

Quer dizer que, em meio a tamanha desordem no mundo, desordem que "normalmente" é sinónimo de República (como as de estudantes...), não fica mal a Monarquia, representada por 23 países, sendo muitos deles modelos superiores de Cultura e outros dotes que nenhuma República tem.

Sendo Brasil e Monarquia congénitos e consubstanciais — Pátria Imperial — pode ele, de uma hora para outra, quando menos se esperar como aconteceu com a desgraça do advento republicano, AMANHECER IMPERIO, O MAIOR IMPERIO DA HISTORIA DO MUNDO.

Para isso trabalhamos "sobre os rios da Babilônia".